



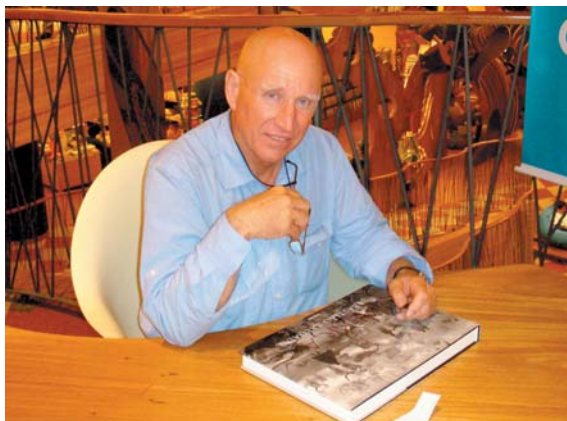
**Entrevista:  
Sebastião Salgado**

**Paulo César Boni**

---

*O entrevistado desta edição é o fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, um dos mais importantes nomes da fotografia documental de todos os tempos. Em fase de produção do documentário Genesis, ele tem viajado muito por países de todos os continentes. Entre o contato inicial – durante o lançamento de seu livro África, em São Paulo, em 9 de novembro de 2007 – e a entrevista se passou quase um ano. Em 29 de setembro de 2008, na véspera de mais uma viagem, ele concedeu a seguinte entrevista por telefone, da Amazonas Images, sua agência fotográfica, em Paris.*

---



Sebastião Salgado  
Foto: Paulo Boni (São Paulo, 9/11/2007)

## Entrevista

**Paulo Boni** – Muito obrigado por atender o convite da *Discursos Fotográficos*.

**Sebastião Salgado** – É um prazer, Paulo. Por favor, me desculpe por estar tão corrido. É que estou saindo amanhã de viagem e estou preparando mil coisas. É uma viagem a pé, de 52 dias, pelas montanhas da Etiópia, e tenho que prepará-la muito bem, não posso me esquecer de nada. Por isso, tenho mil coisas para fazer.

**Paulo Boni** – Como você gosta de ser tratado: Sebastião? Salgado? Ou Sebastião Salgado?

**Sebastião Salgado** – Sebastião está ótimo.

**Paulo Boni** – Eu desenvolvo, na Universidade Estadual de Londrina, um projeto de pesquisa intitulado *De Lewis Hine a Sebastião Salgado: o uso e as repercussões do fotodocumentarismo de denúncia social como instrumento de transformação na sociedade*, do qual, inclusive, já publiquei alguns artigos. Eu gostaria de saber, primeiro, se o senhor considera seu trabalho como instrumento de transformação social.

**Sebastião** – Não. Eu pessoalmente, não. E tenho certeza que o Lewis Hine também não considerava o dele. Esse tipo de trabalho é uma opção de vida: é a sua vida, seu comportamento, sua maneira de se relacionar com sua comunidade, com tudo à sua volta, com as pessoas que trabalham com você. Existe uma coerência entre seu modo de ser, o modo como você se comporta e sua ideologia, ou seja, é uma forma de vida. Considerar o seu trabalho de alguma forma significa que você criou uma direção para ele, que o programou nessa direção. Eu faço fotografia porque eu adoro fotografia. Tenho minha maneira de pensar, tenho uma formação ideológica. Portanto, meu trabalho é uma simples correlação com minha forma de vida. Não posso, de forma alguma, admitir que o meu trabalho seja algo pensando, projetado, calculado. Não me considero sequer um militante. O que eu faço é um comportamento de vida. Nada mais que isso.

**Paulo Boni** – Isso significa dizer que o cidadão Sebastião Salgado não considera o fotógrafo Sebastião Salgado um engajado, comprometido com causas sociais. É isso?

**Sebastião** – Neste sentido, não. Meu “comprometimento” está diretamente relacionado com meu modo de vida. Eu pensei assim, programei minha vida assim. Minha vida toda é estruturada em total compatibilidade com que eu penso. Você quer saber se eu tenho preocupações sociais? Tenho, claro que tenho. Eu venho de uma realidade social bem definida, bem específica, sabe? Eu tenho preocupação com a redistribuição de renda no mundo? Tenho. Tenho preocupação com a justiça social? Tenho. Então, como minha fotografia não poderia ser isso? A minha fotografia é exatamente isso. Eu tenho uma preocupação muito grande com a ecologia, então minha fotografia tem que ter uma correlação com a ecologia. Eu acho essa relação muito importante porque ela é mais que uma relação puramente intelectual. Acredito que uma pessoa se comporta em relação a tudo o que ela tem na vida. Tem uma diferença muito sutil nesse contexto, mas uma diferença muito grande. Daí, então, eu me considerar um ser político, considerar que minha fotografia irá, sim,

promover uma transformação social porque eu acredito que ela irá promoveria uma transformação social. Ela é uma parte do todo, entende? Eu acredito que minha fotografia pode ajudar a promover uma transformação social porque eu sou uma pessoa com preocupações sociais. Então ela é correlata com isso, entende? Mas não que seja a partir de um ato intelectual, preconcebido, que eu irei fazer uma fotografia social e ela irá mudar o mundo. De forma alguma. E também não acredito que o Lewis Hine se comportou desta forma. Ele tinha uma profunda preocupação social e sua fotografia era correlata com essa preocupação.

**Paulo Boni** – Então não há intencionalidade em sua fotografia?

**Sebastião** – No meu caso, não. No meu caso, o que existe é que eu tenho uma preocupação de vida e minha fotografia faz parte dessa preocupação.

**Paulo Boni** – Depois de seus documentários prontos e de seus livros publicados, essas fotografias acabam, de alguma forma, provocando alguma alteração na sociedade?

**Sebastião** – Não, necessariamente. Mas, às vezes, elas provocam. Eu faço parte de uma dinâmica e as fotografias entram fazendo parte desta dinâmica. Neste momento, elas são muito efetivas, tenho certeza disso. Lembro, usando um exemplo do Brasil, de um trabalho que eu fiz com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o documentário *Terra*. Eu tenho uma preocupação séria com a distribuição de terra no Brasil. Este trabalho, eu comecei muito antes do movimento dos sem-terra existir. Comecei trabalhando com as Fetags (Federação dos Trabalhadores na Agricultura), com as associações de trabalhadores rurais, com os indígenas, com pequenos produtores do Brasil inteiro. Depois o MST foi criado e eu comecei a trabalhar com ele e o livro acabou sendo feito praticamente para ele. Mas o livro não foi pensado para o movimento. Ele foi pensado quando fiz minha primeira viagem para o Brasil, depois de haver passado 11 anos aqui na França, sem poder voltar para o Brasil, por conta dos problemas que tive com a ditadura. Então, eu queria ver

meu país, ver o interior do país. Eu tinha uma preocupação social, tinha uma preocupação política séria. Fui e fotografei porque acreditava no movimento. Fiz. Quando encontrei o movimento, um movimento sério, digno, ofereci minhas fotografias e trabalhei com ele, que, na realidade, era só continuidade daquilo com o que eu já havia trabalhado. Oferecemos nossas fotografias. Digo oferecemos porque eu não as ofereci sozinho: Lelinha<sup>1</sup>, minha esposa, foi quem criou a exposição de pôsteres para o movimento. Nós criamos um movimento através do mundo, pois isto foi apresentado em vários países e as exposições foram produzidas aos milhares de exemplares. Creio que foi a primeira vez na história da fotografia que uma exposição foi impressa aos milhares. Fizemos aqueles kits de pôsteres e os distribuimos por todo o planeta. Lançamos o livro (*Terra*) em 8 a 10 países diferentes. Com todas essas estratégias, o movimento se tornou conhecido. Com este trabalho, houve, sim, uma pressão mundial sobre a política agrária brasileira. Neste contexto, claro que as fotografias são efetivas. Com o *Médicos sem fronteiras*, na França, fizemos um movimento muito grande e foi muito efetivo. As fotografias se prestam a uma causa e, nesse sentido, elas atuam. Esta semana<sup>2</sup> eu recebi uma solicitação do alto secretariado das Nações Unidas para os refugiados que vão à Espanha. E vou trabalhar com eles, e isso, acredito, vai criar uma eficácia forte; espero que crie um movimento da opinião pública espanhola em relação aos refugiados, afinal quem chega de fora precisa ser protegido, aceito e respeitado. A fotografia tem esta função, mas eu também não tenho a pretensão que elas sejam as únicas responsáveis pela eficácia do movimento. Elas serão uma parte do todo. Neste todo entram os sistemas de informação, os debates, os jornalistas que irão escrever e as televisões que irão mostrar. As fotografias são apenas uma parte do movimento. Assim como as fotografias de Lewis Hine fizeram parte de um movimento maior. Temos tendência a dizer que suas fotografias mudaram a opinião pública americana com relação ao trabalho infantil. Eu não acredito. Eu acho que suas fotografias fizeram parte de um movimento

<sup>1</sup> Forma carinhosa com a qual Sebastião Salgado trata sua esposa, Lelia Wanick Salgado.

<sup>2</sup> Sebastião Salgado referia-se à semana de 21 a 27 de setembro de 2008.

que lutou contra o trabalho infantil nos Estados Unidos. Elas foram uma parte do todo. Eu acho importante dizer isso: sozinhas, as fotografias de Lewis Hine dificilmente teriam sido eficientes. Mas, fazendo parte de um movimento maior, elas têm uma dinâmica absoluta.

**Paulo Boni** – Aproveitando o gancho, eu gostaria de colocar uma situação para o senhor me explicar melhor, me elucidar...

**Sebastião** – Vamos lá!

**Paulo Boni** – No documentário *Êxodos*, o senhor declarou – antes do livro e das exposições – que gostaria que suas fotografias provocassem “reflexão”. Isso indicia uma premeditação. Agora, com referência ao documentário *Genesis*, em entrevista à revista *Época*, o senhor alertou que se o ser humano não preservar os santuários da natureza, que é o que o senhor está fotografando hoje, provavelmente a próxima raça em extinção seja a própria raça humana. Isso não é uma premeditação?

**Sebastião** – Não, isso é uma observação. Uma observação em função da realidade que vivemos e da qual eu faço parte. E eu não detenho toda essa informação sozinho. Ela é partilhada comigo por outros pesquisadores e formadores de opinião. E tenho certeza que o movimento é este e que eu faço parte dele. Ou seja, minhas fotografias, sozinhas, não irão provocar as mudanças necessárias para a preservação do meio ambiente, está certo? Concordo que eu não estou indo inocentemente fotografar para o *Genesis*. Este é um projeto de oito anos e continuo desenvolvendo-o porque acredito no que estou fazendo, isso faz parte da minha vida, da mesma forma que o Lewis Hine acreditava no que ele estava fazendo. Vou te dar um exemplo, o de quando e porque fui fazer o *Êxodos*. Eu estava terminando de fazer o *Trabalhadores* e recebi uma proposta do Robert Ménard, o jovem que tinha fundado o *Repórteres sem fronteiras*. Ele queria que eu fizesse um trabalho sobre os refugiados no mundo. Eu lhe disse: não posso porque estou terminando o *Trabalhadores*, mas vou organizar isso. Disse a ele que iria na Magnum, eu trabalhava na Magnum, e discutiria a proposta com uma série de

fotógrafos. Somos uns 30 fotógrafos, disse-lhe, e tenho certeza que consigo umas dez adesões para desenvolver esse tema superinteressante. Era o máximo que eu podia fazer naquele momento, pois estava terminando outro trabalho. Fui à Magnum, discuti o projeto e vários fotógrafos aceitaram desenvolver o trabalho. No entanto, o primeiro fotógrafo que foi, voltou. Ele se justificou: “Olha, foi terrível! Eu cheguei ao aeroporto, um carro me apanhou e me levou para o hotel. Lá, esperei durante horas até que alguém me acompanhasse. Depois, me levaram até um campo de refugiados, e eu fotografei. Perguntei se havia outros campos. Disseram que sim. Pedi que me levassem a outro campo, me levaram e eu fotografei. Vi que o trabalho não era bom e voltei.” Ou seja, o cara não tinha identificação nenhuma com que estava fazendo, sabe? Ele nem sabia onde ficavam os campos de refugiados. O refugiado propriamente dito não tinha importância nenhuma para ele. Ele não fazia a mínima idéia da importância capital que os refugiados tinham e têm para a sociedade. Concluí que esse trabalho só poderia ser feito por alguém que tivesse, realmente, total identificação com o tema. Alguém que tivesse sido um refugiado, ou que tivesse sofrido pela proximidade com algum refugiado, para saber a relevância do tema. Com esse episódio, constatei, definitivamente, que se não houver identificação total com o tema, se ele não tiver nada a ver com seu comportamento de vida, a pessoa não conseguirá fotografar direito. Fará apenas alguma coisa superficial, uma reportagem, por exemplo, mas não um trabalho. Bem, quando eu terminei o *Trabalhadores*, preparei tudo e entrei de cabeça no tema refugiados. Me preparei não só para reportagens, mas um trabalho sério sobre o tema. Ainda no trabalho anterior (*Trabalhadores*), comecei a perceber que o fim da primeira Revolução Industrial provocou uma reorganização da família. A revolução criou um senso de produção, deslocou populações em razão da realidade econômica e em função do sistema financeiro, provocou uma reorganização do fluxo financeiro planetário. Milhões de pessoas foram deslocadas por esta reorganização. Então, quando terminei *Trabalhadores*, comecei a me preparar para fotografar *Êxodos*. Pesquisei muito e passei seis ou sete anos fotografando. Assim, quando



eu saí para fotografar eu já sabia o que queria e o que estava fazendo, tanto que preparei um projeto. Mas, insisto, esse projeto era apenas uma parte de um projeto maior, pensado por uma série de pessoas e instituições, tanto que trabalhei com o alto comissariado das Nações Unidas, com várias organizações humanitárias que trabalham com refugiados, com a Unicef e outras instituições. Minhas fotografias serviram a todas estas instituições. Agora, sozinho não sou nada, você entende? Fazer parte de movimentos maiores é a essência da fotografia social, da fotografia documentária. A leitura de fotografias é muito mais dinâmica e abrangente que de textos, mas ela precisa fazer parte de um contexto. Um texto que você escrever no Brasil, por exemplo, e quiser utilizá-lo em dez países, terá que ser traduzido para dez diferentes línguas. A fotografia que você fizer no Brasil, pode passar por dez países sem tradução, pois ela é uma linguagem direta, fácil de comunicar. A fotografia é uma parte forte no sistema de comunicação, principalmente se ela for bem feita, se tiver uma correlação com a realidade, se quem a estiver fazendo tiver uma identificação com o tema. Aí, sim, ela passa a ter um poder muito forte, entende? Mas pensar que a fotografia, por si só, é determinante em processos políticos e sociais é um erro. Ela é parte desses processos. É o que eu penso.

**Paulo Boni** – O senhor sabe que é o fotógrafo mais pesquisado, citado e analisado em cursos de graduação e pós-graduação do Brasil?

**Sebastião** – Eu não sabia que era pesquisado. Eu recebo alguns trabalhos, algumas solicitações, de vez em quando, mas eu viajo muito e tenho que utilizar meu tempo, pois estou ficando velho, estou com quase 65 anos<sup>3</sup>...

**Paulo Boni** – Tem muita lenha para queimar ainda...

**Sebastião** – Pois é, mas... Agora, por exemplo, estou saindo amanhã para a Etiópia. Será uma caminhada de 52 dias pelas montanhas

---

<sup>3</sup> Sebastião Salgado nasceu em Aimorés, Minas Gerais, em 8 de fevereiro de 1944.

daquele país, e tenho quase certeza que daqui a dez anos eu não poderei mais fazer isso. Tenho que aproveitar enquanto estou bem de saúde e tenho forças físicas, não posso parar. Eu passo oito meses por ano fora de casa, fotografando. Assim, infelizmente, não disponho de muito tempo para atender todas as pessoas que me procuram para trabalhos acadêmicos. Estou me preparando para daqui a uns dez anos poder meditar profundamente sobre tudo o que fiz e ainda estiver fazendo, isso inclui, inclusive, atender mais e melhor as demandas acadêmicas. Tem uma pessoa escrevendo uma tese na Universidade de Londres, que veio aqui em Paris conversar comigo. Eu sei que ele defenderá uma tese e publicará um livro, em breve, na Inglaterra. Mas, se como você disse, tem mais gente produzindo estudos a meu respeito, isso eu não sei, não estou a par, pois ando meio sem tempo de ver.

**Paulo Boni** – Me desculpe pela delicadeza do assunto, mas como o senhor recebeu as críticas da pensadora americana Susan Sontag<sup>4</sup>, que o acusou de promover a estetização da pobreza no documentário *Êxodos*?

**Sebastião** – Eu fui amigo da Susan Sontag, gostava muito dela. Inclusive, atendi um pedido dela e levei seu filho, o David, comigo quando fui para o sul do Sudão fotografar. Eu e a Susan tínhamos uma relação de respeito profissional. Trabalhamos juntos na Bósnia e estava tudo bem entre nós. Alguma coisa começou a mudar quando a Susan passou a viver com sua última companheira, uma excelente fotógrafa, uma pessoa maravilhosa. Mas, profissionalmente, eu e a companheira da Susan éramos concorrentes e os americanos compravam muito minhas fotografias. A partir disso, a Susan começou a me atacar, uma besteira, pois éramos amigos e havia mercado para todos. Existe muito ciúme e muita bobagem no mundo da fotografia, aliás, como em todas as atividades, não é? As coisas passaram a ter outra leitura, a Susan tinha um fórum, e não um campo...

---

<sup>4</sup> Susan Sontag faleceu em Nova Iorque, Estados Unidos, em 28 de dezembro de 2004.

**Paulo Boni** – Isso o afetou muito?

**Sebastião** – Olha, afetou. Achei chato. Tínhamos uma boa relação e, a partir de um determinado momento ela começou a me atacar com coisas que não faziam o menor sentido, como o fato de eu não colocar os nomes dos personagens que eu fotografava nas legendas. Eu nunca fiz isso. Eu fotografo personagens genéricos, personagens que representam o todo, e que diferença faz saber o nome deles? Eu trabalho numa escala ampla, em que não faz sentido eu colocar o nome numa criança do Movimento Sem Terra do Brasil ou do Movimento das Tribos do Sul da Índia ou do Movimento da Liberação das Filipinas, entende? As crianças que eu faço, os adultos que eu faço são partes representativas do todo, são representações uns dos outros. Por isso acho que foi uma besteira da Susan. Eu também poderia atacá-la, porque ela também fez algumas bobagens, mas preferi o silêncio. O tempo saberá julgar um e outro. Por um determinado tempo, por exemplo, a Susan viveu com uma bolsa de um grande especulador das bolsas de valores do mundo todo. Para mim, ele é o cara mais imoral do planeta. No Brasil, inclusive, suas investidas especulativas contra a moeda brasileira, na bolsa de valores, empobreceu milhares de pessoas. E a Susan fez toda a sua pesquisa, na Bósnia, com financiamento desse especulador. Então, como eu sempre declarei publicamente minha antipatia por esse sujeito, dei à Susan mais um motivo para me atacar. E, honestamente, achei isso uma besteira muito grande. Mas, enfim, eu sei porque ela me atacou e sei porque muitos me atacam: eu incomodo as pessoas porque eu trabalho muito, fotografo muito, publico muito e acabo ocupando espaços que os outros gostariam de ocupar. Não sou eu que os incomodo pessoalmente, é meu trabalho que os incomoda...

**Paulo Boni** – Desculpe interrompê-lo no meio de sua fala, mas eu gostaria de parabenizá-lo. Adorei ouvir que é o nosso trabalho que tem que incomodar os outros. Parabéns por sua postura e discernimento.

**Sebastião** – É isso, não temos mais tempo a perder. O tempo passa muito rápido. Eu saí da Magnum, onde trabalhei por 15 anos, por

causa da luta interna pelo poder. Os fotógrafos da agência acham importante, sim, ter o seu nome num cartão de visita da Magnum, pois a consideram o melhor grupo de fotógrafos do mundo, mas a partir de um determinado momento não viajam mais, não trabalham mais, ficam travando lutinhas pelo poder: um quer ser presidente, outro quer ser vice-presidente... As pessoas ficam dois meses brigando para definir um cargo, ao passo que em dois meses você pode fazer coisas fenomenais, uma reportagem “do barulho”, mudar a direção do fotojornalismo... Mas as pessoas não produzem mais, preferem ficar paradas, olhando para o seu próprio umbigo, e não se preocupam mais com o que está acontecendo. O tempo passa tão rápido, nossa vida de repórter é muito curta, são 30 a 35 anos e terminou. Você tem que ir. Há exceções, é claro. Você pode pegar, por exemplo, o Koudelka<sup>5</sup>, de quem você não escuta falar nada. Mas ele trabalha o tempo todo, fotografa o tempo todo.

**Paulo Boni** – O senhor está praticamente no meio do projeto *Genesis*. Com o material fotográfico produzindo até agora é perceptível alguma mudança de estilo, de linguagem, de estética do Sebastião Salgado?

**Sebastião** – Não, de forma alguma. Mas com o *Genesis* eu estou reaprendendo fotografia. Eu pretendo expor fotografias maiores do *Genesis*. Por isso, deixei de trabalhar com 135 mm e passei a trabalhar com médio formato. Mas como os filmes de médio formato estão sumindo do mercado – e perdendo qualidade, pois não tem mais prata em quantidade suficiente na película – estou começando a trabalhar com digital. Com a digital, hoje, eu tenho qualidade melhor do que tinha com os filmes. Hoje as câmeras digitais estão com uma qualidade brutal. Isso me levou a uma dinâmica incrível dentro da fotografia: em quatro anos de *Genesis*, trabalhei com 135 mm, médio formato e, agora, digital. Ou seja, mudou a base, o suporte de trabalho. Para essas mudanças, precisei de muitas pesquisas técnicas, mas estou feliz com o processo e com o resultado.

---

<sup>5</sup> Referência ao fotógrafo tcheco Josef Koudelka, nascido em 1938, que se tornou mundialmente conhecido por haver fotografado a Primavera de Praga, em 1968.

Com o processo porque significou uma dinâmica muito forte no meu trabalho e com o resultado porque a qualidade da digital me surpreendeu. Agora, em termos de estética, não creio ter havido mudanças. No ano passado (2007), lançamos um livro sobre a África. Neste livro, há fotografias de 1973 a 2006. Se você não olhar a data, não verá diferença alguma entre elas. Isso porque minha linguagem é mais ou menos a mesma; a forma como organizo o espaço é mais ou menos a mesma; a maneira como trabalho com a luz é mais ou menos a mesma. Não há grandes diferenças.

**Paulo Boni** – E tudo isso será preservado no *Genesis*? Só o formato é que será um pouco diferente?

**Sebastião** – Só o formato que será um pouco diferente, será um pouco mais quadrado. Estou fotografando com uma Canon digital que permite fazer o que eu quero. É uma Canon, mas poderia ser qualquer outra. A Laica está lançando uma digital muito boa. Possivelmente eu volte para a Laica no próximo ano. Mas, em razão da importância de eu fotografar nesse formato, a Canon desenhou um visor especial para mim. Desculpe insistir na questão do formato, mas é que ele é muito importante para as apresentações e exposições. É o lado estético do meu trabalho. Claro que eu não posso deixar de falar de estética porque a minha linguagem é uma linguagem formal. Não é isso. Fotografia é forma e luz, é uma linguagem estética. E isso para mim é importante. Eu posso parar e discutir com você só de estética ou só de fotografia, se você quiser, mas para mim meu trabalho não é isso. Meu trabalho é quase uma constante, e digo que é uma constante porque assimilo a luz. Ela vem comigo desde que eu era menino e permanece até hoje, presente na minha maneira de intervir, de organizar os espaços. Minhas fotografias são uma constante. As variáveis, para mim, são as transformações da sociedade, que influenciam meu modo de pensar, me fazem mudar de opinião e reforçar – ou mudar – minha ideologia. Acho que meu trabalho e meu comportamento têm que ser coerente com que eu penso.

**Paulo Boni** – Só fiz esta pergunta por que há uma especulação na mídia e algumas “hipóteses” acadêmicas de que, como o senhor já assumiu ser este seu último trabalho como fotodocumentarista, provavelmente houvesse uma transformação na linguagem. Mas sua fala deixou bem claro como as coisas são: quem trabalha, trabalha e quem estuda, estuda. E normalmente uma mesma pessoa não faz as duas coisas...

**Sebastião** – De fato, é difícil uma mesma pessoa fazer as duas coisas. Cada uma tem seu papel e ocupa seu espaço. É assim que as coisas são. Agora, por exemplo, estou indo para a Etiópia e lá me encontrarei com uma equipe que irá me auxiliar. Vamos verificar os mantimentos, os remédios, as mulas, os arreios... Estou, inclusive, levando estribos maiores, aqui da França, para caber minhas botas, porque determinados momentos viajarei montado a cavalo, mas terei que fazer a maior parte do caminho à pé. Minha vida é isso, você entende? Apesar de contar com o auxílio de uma equipe de oito pessoas (muleiros, guias e carregadores), eu digo que saio sozinho com minhas preocupações, desafios e ideologia. Eu quero respostas e vou buscá-las, entende? Considero que estarei sozinho por 52 dias: sou eu comigo mesmo. Por outro lado, uma pessoa que vai pesquisar e escrever sobre determinado assunto, um trabalho meu, que seja, estará sentada em uma biblioteca, e, com um computador, ela poderá saber a opinião de mil pessoas a respeito do meu trabalho. Com tantas opiniões, ela começará a ponderar, ou seja, não será mais a opinião dela, mas uma opinião formada a partir de centenas de outras opiniões. Mas o meu trabalho, propriamente dito, quem faz sou eu – e quase sempre sozinho. Se eu começar a me preocupar com os críticos, com as pessoas que falam, com as pessoas que pensam, com as pessoas que acham que podem ser, e, principalmente, com as pessoas que dizem que eu falei – e eu não falei coisa nenhuma – eu não saio mais do lugar.

**Paulo Boni** – E acaba não fazendo o seu trabalho...

**Sebastião** – Exatamente. Acabo não fazendo o meu trabalho. E o meu trabalho está lançado. Eu tenho ainda, acredito, cerca de dez anos de trabalho pela frente. Eu tenho que ir...

**Paulo Boni** – Considerando que *Genesis* seja seu último trabalho de fotodocumentarismo, como o senhor definiria a importância deste projeto para a humanidade?

**Sebastião** – Acho que é um momento muito importante, de um balanço do planeta. Nós estamos evoluindo. Quando fiz o trabalho do *Médicos sem fronteiras*, quando fiz *Trabalhadores*, o planeta estava se comportando de uma forma, e eu fazendo parte dele. Depois começamos a constatar que estava havendo alguma coisa errada na natureza, que não a estávamos respeitando, que a estávamos poluindo, destruindo. Começou a haver uma preocupação com o aquecimento global e tantas outras coisas, e eu também fazia parte disso. Então, hoje, o meu trabalho é um balanço do que temos de puro no planeta. Ainda temos quase metade do planeta como ele era quando foi criado. O homem passou por todos os lados, esteve em todas as partes, mas ainda não destruiu tudo: 46 % da superfície do planeta ainda estão como no dia de sua criação. Então eu acho muito importante mostrar esta parte. Eu não quero mostrar o que já foi destruído, a poluição, isso já foi mostrado à exaustão. Eu quero mostrar o que nós temos de puro, o que ainda temos que preservar, pois se não preservarmos o mundo ficará muito complicado. Temos que lutar para manter o que temos e, quem sabe, recuperar um pouco do que já foi danificado. Temos um projeto ambiental no Brasil, com o qual, tenho certeza, vamos recuperar e preservar muita coisa. Mas o que ainda temos de intocado, temos que preservar. Neste sentido, eu gostaria muito que meu trabalho ajudasse, que minhas fotografias servissem para algum propósito. Estamos criando um programa educacional, que já foi testado no Brasil, e o estamos preparando para entrar na internet e ser oferecido gratuitamente para o planeta inteiro. Eu acho que ele vai ajudar, sinceramente. Ele vai ajudar fazendo parte de um projeto maior, parte de um movimento maior em prol da humanidade.

**Paulo Boni** – Depois de fechar o *Genesis* e a “aposentadoria” do Sebastião Salgado fotógrafo, o que o cidadão Sebastião Salgado pretende fazer?

**Sebastião** – Primeiro, eu não acredito muito que vá me aposentar. Possivelmente eu deixe de desenvolver grandes projetos, em razão das condições físicas, mas nenhum fotógrafo se aposenta efetivamente. Sei lá. Há algum tempo estive no México, quando o Alvarez Bravo<sup>6</sup> completou 100 anos. Muitos fotógrafos e amigos dele estiveram lá para comemorar o seu centenário. Quando cheguei em sua casa ele me disse: “Sebastião, tenho que lhe mostrar as minhas últimas fotografias.” Eu pensei: “Mas não é possível” e disse “então, mostra”. E ele mostrou. Continuava fotografando, com aquela idade toda. Gostei muito de uma fotografia que ele fez de seus pés dentro de uma bacia com água quente. Então, Paulo, fotógrafo não pára de fotografar. O Cartier Bresson, por exemplo, diziam que ele era pintor, mas ele nunca deixou de fotografar, nunca abandonou sua câmera. Olha, quando eu estava na Magnum, em 1994, a Eve Arnold, fotógrafa inglesa, então com 82 anos, pegou sua malinha de equipamentos e foi sozinha para a Índia, fotografar, trabalhar. Fotógrafo não pára, fotógrafo vai fazendo e eu também seguirei fazendo. Acho que não vou parar. Talvez eu desenvolva algum projeto que não me exija muito fisicamente. Por exemplo, posso desenvolver algum projeto que precise da mídia, que precise das revistas que acreditam em mim. Elas precisarão de histórias e fotografias e eu poderei lhes fornecer histórias e fotografias. Penso em usar minha credibilidade como lastro para conseguir o apoio midiático e financeiro meus projetos. Esses caras (revistas) trabalham comigo há mais de 20 anos, acreditam em mim, sabem que eu faço o que me proponho a fazer e cumpro o que prometo. Espero que daqui a cinco anos, quando eu estiver com 70 anos, eles continuem acreditando num velhinho septuagenário. A mídia precisa de boas histórias e se eu trouxer cinco histórias por ano, o que é uma média bastante viável, eu também estarei ajudando a mídia. É uma via de mão dupla, acredito que a mídia continuará comprando minhas fotografias e, com isso, garantindo parte das minhas despesas, e eu

---

<sup>6</sup> Referência ao fotógrafo mexicano Manuel Alvarez Bravo (1902-2002).



continuarei produzindo. Assim, prefiro dizer que não vou parar. Creio que *Genesis* seja minha última grande história, que irei terminar quando completar 70 anos de idade, e depois talvez eu faça um “balanço”. Mas, agora, eu não acredito que irei parar de fotografar.

**Paulo Boni** – Para o fotógrafo, cada fotografia representa um filho ou uma filha. Mesmo considerando essa paternidade genérica, o senhor destacaria uma fotografia das tantas que produziu. Tem alguma predileta?

**Sebastião** – Nunca. Impossível. Sinceramente, impossível. Eu nunca apresentei – já apresentaram, mas eu não – as minhas melhores fotografias. Eu não tenho melhores fotografias. Eu trabalhei histórias, eu sou um contador de histórias, trabalho em reportagens. Então, para mim, *Genesis* é uma reportagem e não aceito misturá-la com nenhuma outra fotografia feita anteriormente, mesmo que a temática se aproxime. *Genesis* é *Genesis*. Eu concebi esse projeto e estou trabalhando dentro dos conceitos, expectativas e estratégias concebidas. Ele tem uma filosofia e eu a estou seguindo à risca. Por isso, me recuso misturar fotografias feitas para outro projeto, quem dirá, então, eleger uma fotografia. Eu trabalho assim: acabei de chegar de Papua-Nova Guiné e estou editando e separando as fotografias; amanhã vou para Etiópia, quando chegar, editarei e separarei as fotografias da Etiópia. E assim, sucessivamente. No final, todas as fotografias editadas irão compor o *Genesis*. Essas fotografias são minhas filhas, minha família, eu tenho uma carga emotiva muito forte com cada uma delas. Vivi momentos especiais com cada uma delas, com cada reportagem que produzi. Certa vez, quase cai de um helicóptero, quando fotografava hipopótamos. A alça da minha câmera destravou acidentalmente o cinto de segurança e eu não percebi. O helicóptero voava de portas abertas, para eu fotografar, e eu fui saindo, saindo do helicóptero. Meu assistente percebeu e me puxou para trás. Hoje, quando olho essas fotografias, eu penso: “Puxa vida! Quase fiquei por aqui...” Então, claro, eu tenho uma ligação, uma identidade muito forte com essas fotografias, com essa reportagem. Mas com o conjunto delas e o que elas representam, eu não tenho, realmente, uma fotografia que eu diga: “essa é a fotografia”.

Eu já fotografei tanto, já vivi situações tão diferentes, já rodei o planeta inteiro, já estive em mais de 100 países. Só para o livro *África*, fiz mais de 40 viagens. Fotografia, para mim, é uma forma de vida. Todas as minhas fotografias são a minha vida, são parte de mim, do meu entorno. Sinceramente, eu não posso identificar uma fotografia da qual eu goste mais que das outras.

**Paulo Boni** – Sebastião, muito obrigado pela entrevista. Ela trouxe revelações muito importantes para a fotografia e para os estudos em fotografia. Boa viagem para a Etiópia, boa sorte e sucesso no projeto *Genesis* que, tenho certeza, que será uma obra importantíssima para reflexão da humanidade.

**Sebastião** – Muito obrigado, também, pelo interesse no meu trabalho. Tchau e felicidades.